CIDADANIA E DEFESA

BOLETIM INFORMATIVO

Nº 35 Abril – Junho de 2009

D. Nuno está agora nos altares
porque esteve sempre
nos corações dos Portugueses
e na memória de Portugal.
Falta que esteja nas nossas obras.

AACDN ASSOCIAÇÃO DE AUDITORES
DOS CURSOS DE DEFESA NACIONAL

Instituição de Utilidade Pública

Boletim Informativo da AACDN - Associação de Auditores dos Cursos de Defesa Nacional

Cidadania e Defesa

Praça do Príncipe Real, 23 r/c Dto 1250-184 Lisboa

Tel : 213 465 888 Fax: 213 257 886
E-mail:aacdn.boletim@mail.telepac.pt

visite o nosso site - **www.aacdn.pt**

Ficha Técnica

Direcção
Joaquim Silveira Sérgio

Edição
Francisco Marques Fernando

Composição Gráfica
Elisa Pio

Colaboração
Miguel Fradique da Silva

Colaboração Fotográfica
Lusa - Agência de Notícias de Portugal, SA

Execução Gráfica
Gráfica Central de Almeirim, Lda
Zona Industrial, Lote 41 - D - 2080-221 Almeirim
Tel : 243 591 555 Fax: 243 597 559 E-mail:geral@graficacentral.pt

Tiragem
1 000 Exemplares

Depósito Legal nº 260726/07

Nº 35 Abril – Junho de 2009

Sumário

3 | Editorial

5 | Ministro da Defesa Nacional – Paulo Portas

6 | Crónica das Arábias – (Relato da viagem à Jordânia realizada pela AACDN em Setembro de 2008)

16 | D. Nuno Álvares Pereira – Guerreiro e Santo

20 | Obama e o Médio Oriente no "período de graça"

24 | Na Gávea da Nau – A propósito da expressão "Sociedade do Conhecimento"

26 | Acontecimentos & Actualidades

30 | UmDeCadaVez (Eduardo António da C. Ferrugento Gonçalves)

31 | In Memoriam: MajGeneral Mário Lemos Pires

Capa – Selo comemorativo da canonização do Beato Nuno
(Reprodução autorizada pelos CTT – Correios de Portugal)

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores

EDITORIAL

Caros Colegas

Em termos de trabalho, o ano está prestes a finalizar, aprestando-nos, uma vez mais, para um retemperar de energias. Sem dúvida que foi um ano difícil, levando a que cada um nós tivesse que encontrar e redefinir projectos de vida, numa altura em que, possivelmente, a latitude das escolhas era já escassa... Contudo, é por vezes necessário fazer uma paragem neste turbilhão sequencial e reflectir sobre os nossos hábitos, sobre o nosso rumo, sobre o que foi feito e como, sobre o que se ganhou e o que se perdeu e, sobretudo, reflectir acerca da exequibilidade das nossas pretensões no tempo restante...

Enfim, é a vida, como diria alguém. E, na verdade, já estávamos a ficar mal habituados. Já nos tínhamos esquecido que tínhamos a perna curta. E quando assim é, quando se pretende dar um passo maior que a perna – em certas circunstâncias – é costume perder-se o equilíbrio e cair-se. O que veio a acontecer. E agora é um *ai quem me acode*?!

Como Povo imaginativo, não faltarão porventura engenho e arte para se ultrapassarem as dificuldades. Haja ambição e tenhamos esperança - coisas que, embora louváveis e não sendo caras, não bastam para se prosseguir. Tem de haver também uma boa dose de querer e determinação, para se alcançarem os objectivos pretendidos.

Pessoa defendera que a sua Pátria era a sua Língua. O seu património. Será que este significado tem sido bem entendido, por quem de direito? E, a par deste, a diáspora do património cultural arquitectónico?

Pelas notícias que se vão respigando, vamos assistindo, já sem grande espanto, à ignorância dos autóctones quanto à sua língua, já não digo quanto à escrita (uma catástrofe autêntica), mas sobretudo quanto ao falar. E como se tal não bastasse, para vergonha nossa, desistimos de investir em pélagos onde já fôramos senhores. Temos desinvestido, inclusivamente, em países de acolhimento dos nossos emigrantes, onde seria não só suposta, como obrigatória, a manutenção e, por que não, também, o crescimento da nossa presença (depois admiramo-nos dos filhos dos nossos emigrantes não falarem nem terem orgulho na Língua Portuguesa).

Contudo, como que a tamponar a agrura desta circunstância, ainda que de uma forma muito temerária, quase do tipo de segredo de Estado, lá vamos tendo conhecimento que abriu uma secção, neste ou naquele ponto, nesta ou naquela universidade, de estudos da Língua e da Cultura Portuguesa.

Sabe a pouco! E não se venha, uma vez mais, com a desculpa do país pobrezinho – que só é pobre para umas coisas. Essa também já não colhe efeito!

Já que gostamos de nos compararmos a outros países europeus (tentando, por vezes, copiar as suas modas), por que não proceder, de uma forma idêntica à que fez a França, em relação às suas antigas possessões ou zonas de interesse, em África e na Ásia. Não fará parte dos nossos objectivos a Língua Portuguesa continuar a ser falada em África, no sub-continente indiano, em Macau e em Timor, mais a mais

quando o Brasil já é considerado, apesar da pobreza – que não esconde – um país em ascensão para potência, tal como o que acontece com a Índia?

Não será esta uma maneira de defender a réstia da nossa grandeza como Povo universalista? Ou o nosso orgulho continua a cingir-se à constante (k) 3F (fado, Fátima e futebol)?

E o que dizer do património histórico-cultural espalhado pelo mundo. Para além do verificado no nosso país, existe igualmente um património fabuloso situado em países estrangeiros!

Perguntamos, então: Não caberá, a Portugal, defender a sua conservação, propondo, inclusivamente, no caso do existente no estrangeiro, uma parceria a esses países para a manutenção desse legado monumental, ou arranjar patronos ou mecenas que, a troco de uma diminuição apreciável nos seus impostos, ou através da subscrição de um qualquer produto financeiro, possam canalizar recursos ou subsidiar tais obras ou acções?

Na verdade, custa-nos constatar a existência de tais pardieiros. E não fica bem a nenhum país, minimamente civilizado, deixar esboroar parte do que foi, e ainda é, pertença do seu património histórico – importante até para memórias vindouras.

Ou será que este pensamento de orgulho nacional em obra realizada, reconhecida até pelos próprios estrangeiros, corre o perigo de ser interpretado, à semelhança do que vai ocorrendo em determinados sectores de politiquice barata, como "fax-cista" e colonialista...?!

Joaquim Silveira Sérgio

Paulo Portas
(XV e XVI Governos Constitucionais)

Nome: Paulo Sacadura Cabral Portas
Data de nascimento: 12 de Setembro de 1962
Naturalidade: Lisboa
Pai: Nuno Portas
Mãe: Helena de Sacadura Cabral
Estado Civil: Solteiro

Paulo Sacadura Cabral Portas é sobrinho-neto do conhecido aviador Arthur de Sacadura Freire Cabral; é filho de Nuno Portas, reputado arquitecto, e de Helena de Sacadura Cabral, economista, jornalista e escritora. É licenciado em Direito pela Universidade Católica de Lisboa. Além de político, foi jornalista, Deputado ao Parlamento Europeu, Membro da Alta Autoridade para a Comunicação Social e comentador televisivo.

Durante 10 anos, foi director do semanário *O Independente*, onde se insinuou como forte opositor ao governo do então Primeiro-Ministro e à administração social-democrata. Em 1995, deixa a direcção d'*O Independente* e candidata-se, como independente, a um lugar de deputado, pelo círculo de Aveiro, revelando claras intenções de dar novo rumo à orientação política do partido, visível em 1993, quando, sob a liderança de Manuel Monteiro, o CDS se vê transformado em CDS-PP, as duas últimas letras representando a designação Partido Popular. Em 1996 adere ao Partido e em 1998 Portas vence as eleições no XVI Congresso, em Braga, tornando-se líder do CDS-PP.

Com 15 deputados eleitos e 8,4% dos votos nas legislativas de 1999, o CDS-PP encontra-se mais forte e, em 2002, com a demissão do Primeiro-Ministro António Guterres e a necessidade de novas eleições, o partido de Paulo Portas renova a sua ascendência na vida política nacional e estabelece com o PSD uma coligação, viabilizando o XV Governo Constitucional, dirigido por Durão Barroso. Neste Governo, que tomou posse a 6 de Abril de 2002, o CDS-PP fez parte da composição com três ministros e seis Secretários de Estado. O líder do partido, Paulo Portas, foi Ministro de Estado e Ministro da Defesa Nacional. Dois anos mais tarde, Durão Barroso assume a presidência da Comissão Europeia, demitindo-se do Governo e, com base na maioria parlamentar, iniciou o mandato, em 17 de Julho de 2004, o XVI Governo Constitucional, encabeçado por Pedro Santana Lopes. Paulo Portas é, então, Ministro de Estado e Ministro da Defesa Nacional e dos Assuntos do Mar.

Principais medidas enquanto MDN

Estão ainda a decorrer alguns dos programas iniciados por Paulo Portas, enquanto Ministro da Defesa Nacional, segundo um planeamento, publicado em 2003, intitulado "50 Programas que vão mudar as Forças Armadas". Faziam parte deste plano os navios de patrulha oceânicos, mas, dificuldades com os motores a algumas alterações ao projecto inicial têm atrasado a entrega do equipamento. Em Outubro deste ano será entregue o primeiro de dois submarinos e uma das fragatas holandesas, mas a contrapartida – uma das grandes opções deste Ministro –, a construção do Navio Polivalente Logístico nos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, aguarda concretização. No Exército, os blindados Pandur estão em produção, substituindo as Chaimites, e conheceram algum progresso, estando a ser produzidos e entregues; o processo de substituição da G-3 ainda não tem decisão e os helicópteros NH-90, depois de muitos atrasos, poderão chegar, apenas, em 2012. Também sob a tutela de Paulo Portas foi operado o processo de privatização das Oficinas Gerais de Material Aeronáutico (OGMA), em conjunto com a companhia brasileira EMBRAER, fazendo com que, no prazo de dois anos, a empresa nacional abandonasse a tendência de crise e entrasse numa rota de franco desenvolvimento. São de destacar, ainda, a criação da Central de Compras das Forças Armadas, que permitiu poupanças significativas nas aquisições não militares comuns aos três ramos, e a atribuição de um complemento de reforma aos ex-combatentes. A 19 de Novembro de 2004 terminou o Serviço Militar Obrigatório, passando o recrutamento a ser baseado num sistema de livre adesão, baseado num conjunto de incentivos. Foram renovados todos os documentos conceptuais das Forças Armadas, nomeadamente o Conceito Estratégico da Defesa Nacional e o Conceito Estratégico Militar.

Autor

O Tenente RC Paulo Moreira é licenciado em Português e Francês, pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, em Vila Real. É Redactor do *Jornal do Exército* desde Setembro de 2007.

Crónica das Arábias

(Relato da viagem à Jordânia realizada pela AACDN em Setembro de 2008)

(Última Parte)

A caminho de Petra!
Lá vamos de novo subindo para Amã ...mas temos de parar para visitar, imaginem só o quê?... Claro, a loja onde se vendem as melhores "cremas" do Mar Morto e todas aquelas coisas lindas (das arábias!) que nos esperam... é um mundo de jóias, frascos, bisnagas, pomadas, sabonetes... ainda estou a pensar se a descida do nível das águas do Mar Morto não terá a ver com a sofreguidão da venda de águas e cremes!... Bem, passe o exagero, claro!...
Avizinha-se o Pôr do Sol na estrada, que se desenrola a caminho de Petra... Mas o Sol preguiçosamente foi mudando de cor, perdendo força... e deitou-se sem qualquer alarde, defraudando os fotógrafos expectantes!...
Mau!... lá vamos nós parar de novo numa loja de conveniência!... Não, afinal agora trata-se do reabastecimento do guia e motorista que estão fazendo o jejum do Ramadão. Coitados, é agora a sua hora solene de tirar a "barriguinha de misérias", como diz o povo.

Aconteceu no deserto...Milagre!
Bem, agora é que é! Viagem nocturna para Petra, onde chegaremos dentro de três horas...
Mas o homem põe e Deus dispõe! Em pleno deserto, embora com luzinhas no horizonte, o autocarro dá uns soluços, engasga-se e o motorista encosta resignadamente na berma... A besta estremece, manda ainda umas baforadas e... morre de vez!...
Pois!... não há problema, foi só a correia da distribuição que partiu. De Petra virá outro autocarro!... São só mais duas horitas! ...Ai, o nosso querido jantarinho!
Mas afinal estamos todos de saúde, os dorminhocos acordaram bem dispostos, cá fora sopra uma brisa fresca, há trânsito razoável na estrada... os famosos leões do deserto, decerto, não se atreverão!... E pelo meu lado, uma reserva de "rações de combate" na forma de tâmaras, que sempre me acompanham, garantem uma sobrevivência saudável!... Há que ter esperança!
Mas... aqui o milagre aconteceu!
Eis um autocarro vazio que pára ao nosso lado. "Vão para Petra?... Concerteza, é só mudar as bagagens!"
Realmente Deus é grande! E está sempre atento!... Os nossos muçulmanos cumpriram fervorosamente o Ramadão! Nós até não nos temos portado mal!... Allah resolveu intervir favoravelmente...
Inch'Allah!...
Mas a noite das maravilhas ainda não terminou. Mohamad, o enviado de Deus!.. inicia uma lengalenga:

A história de Petra
Era uma vez uma princesa, filha dum rei Assírio...
E um pastor de camelos...
Ela chamava-se Petra, ele Aarão... Amor impossível...
Ele condenado à morte. Ela liberta-o e fogem para a montanha!...
Tempos difíceis...
O Deus Dushara compadece-se... etc, etc, etc...

Um pouco de história!
E depois a história verdadeira:
Antes dos Nabateus, estiveram por aqui os Edomitas, que desenvolveram uma indústria cerâmica nos montes vizinhos. Os Nabateus eram um povo árabe nómada, que se sedentarizou nesta região, aproveitando a sua localização na rota das caravanas ("Caminho dos Reis").
O espaço naturalmente protegido de Petra e a abundância de água (fonte de Moisés) permitiam oferecer às caravanas um refúgio seguro. Os Nabateus cobravam um tributo por esta protecção e assim enriqueceram, assumindo poder político numa região que chegou a englobar Amã e Damasco.
As relações com a Síria são tensas, mas reguladas por acordos. Até que chegam os Romanos. Estes formam uma liga de dez cidades (Decapolis) que comerciam entre si e retiram importância aos Nabateus. Roma acaba por anexar o reino nabateu (106 dC) na província romana da Arábia.
Petra desenvolveu-se imenso no período romano, mas as rotas comerciais foram desviadas e começou o declínio. Petra foi cristã e sede dum bispado, mas um violento terramoto destruiu a cidade completamente.
Os cruzados ainda reforçaram as suas muralhas, mas a cidade permaneceu desabitada durante séculos e protegida da curiosidade pelos beduínos da zona, que ali assentaram arraiais. Só em 1812 um explorador suíço, disfarçado de árabe, pediu aos beduínos que o levassem ao túmulo de Aarão e divulgou ao mundo esta cidade esquecida.
... E assim, contando histórias, Mohamad conduziu-nos até Wadi Mussa (Vale de Moisés) e, incrivelmente, jantámos à hora prevista (10horas) no Hotel Marriot Petra.

Dia 8 de Setembro – Petra

O dia amanheceu lindo, com muito sol e o céu azul. Estamos a 1300 m de altitude. Do hotel avistam-se, num nível inferior, picos escalavrados em franjas sucessivas e em cores que vão variando entre o rosa e o azulado.

Aventura equestre...

A estrada desce... Passámos a vila de Wadi Mussa e entrámos num vale que se estreita.

Começa aqui a minha aventura equestre, junto às lojas de recordações. Os cavalitos vão-se pondo a jeito e os cavaleiros exibem a pose para a fotografia... e lá vamos!

A mim calhou-me uma triste pileca cinzenta que já vira melhores dias. Avançámos num passo cadenciado em que os salientes ossos das ancas da pileca parecem martelar-me o traseiro.

Insistentemente, um pequeno garrano (montado por garboso cavaleiro) vem cheirar-me a ilharga e parece pedir protecção. Já percebi: é mãe e filho, mestre e aprendiz... Emocionado com esta cena familiar, vou-me sentindo cada vez mais nostálgico...

Pela cara do beduíno que segura a rédea, parece que não estamos fazendo boa figura... Lembra-me até outro cavaleiro de triste figura, chamado de Quixote, que, acompanhado do seu fiel escudeiro, cavalga pelas campinas de Andaluzia ... Tonto talvez, mas a sua fama ainda perdura!

Ora! coração ao alto, que a cavalgada por este vale arenoso onde começam a aparecer estranhas esculturas na rocha, tem algo de heróico, tipo Spielberg, na sua procura da arca perdida!...

A travessia encantada!

Bem, parece que a cavalgada terminou, porque há uma barreira de rocha à nossa frente. Mas olhando melhor, há uma estreita fenda na rocha, guardada por dois façanhudos soldados nabateus, de fivelas e sandálias a preceito, elmo metálico e uma temerosa lança!...

Aqui nos reunimos e começou uma experiência que não deve ser contada, mas sim vivida! Como dizia Camões na sua Ilha dos Amores, "...Imagine-a quem experimentar não possa!".

A travessia do Siq, estreita e sinuosa garganta de 1.5 km de comprido e nalguns lugares pouco mais de 2 m de largo, é uma emoção única na vida.

Nalguns pontos a parede vertical chega a ter 100 m de altura. As paredes são em rocha macia, talvez arenito, onde a erosão das águas e do vento modelou formas estranhas. A luz do Sol coa-se reflectida pelas paredes, numa paleta de cores e sombras.

Esta garganta é o leito do Rio Mussa, que no inverno aumenta repentinamente de caudal, criando perigo. Os próprios Nabateus procederam ao desvio do rio por outro caminho e actualmente um dique impede que algo aconteça. Mas dispor de água na cidade era fundamental e podemos ver ainda nas paredes os restos de canaletes (que foram de cerâmica) os quais acompanham o percurso a cerca de dois metros de altura e colectam as águas das fendas transversais afluentes. Existem ainda restos de barragens para reter e gerir essas águas.

Nalguns locais surgem pequenas árvores parecidas com freixos ou bétulas e figueiras (sicómoros), irrompendo dalgumas fendas na rocha. Há paredes esculpidas com pequenas figuras gravadas em invocação do Deus Dushara e imitações de pórticos de templos. Também se podem ver vestígios de figuras humanas e uma caravana de camelos em alto relevo, já muito deteriorados.

No início do Siq há muito cascalho trazido pelas torrentes e vê-se que o piso original seria muito mais abaixo. A partir de certo ponto aparece bem nítida a calçada romana que corria ao longo do percurso,

deixando decerto uma valeta lateral para escoamento das águas... Por mim vão passando cavalos e cavaleiros e pequenas carretas de 2 rodas puxadas a cavalos, para alívio dos turistas de menor fôlego...

O deslumbramento!

E de repente, estamos de frente para uma grande fachada esculpida, com o Sol iluminando feericamente um amplo espaço aberto onde esta garganta intersecta um vale mais largo. Começa aqui a imensa galeria de túmulos esculpidos na rocha branda, com o alto relevo representando templos com as suas colunas e frontões de influencias mistas, gregas e egípcias. No interior, por detrás das portas, apenas uma ou mais câmaras simples para receber os corpos.

A majestosa fachada que se nos depara é chamada de Tesouro, devido à forma de arcas das figuras altamente erodidas que encimam os frontões. Criou-se a lenda de que ali se escondia o tesouro dum faraó.

As suas dimensões são colossais: 40 m de altura por 28 m de largo. A câmara interior, à qual se acede por uma porta monumental, terá uma área superior a 30 m2. Actualmente uma escavação revelou que o piso do terraço está cheio de entulho e ainda há uma frente esculpida soterrada.

Nesta esplanada banhada por um sol radioso, concentram-se burros e dromedários para alugar, muitos turistas fotografando e... as habituais lojas de recordações. Mas o ambiente é de grande alegria e a pressão comercial aceitável, talvez devido à presença dum elegante par de polícias, com um curioso capacete metálico terminando em ponta de lança e montados em lindos cavalos brancos.

Avenida dos túmulos... e a cidade completamente arrasada!

Continuamos a descer, agora por uma ampla "avenida" com as paredes laterais cheias de fachadas de túmulos, alguns inacabados porque decerto o proprietário morreu antes de tempo... ou lhe acabou o dinheiro.

As crianças e os burricos acompanham-nos e até se iniciam corridas espontâneas de burros, terminando em quedas aparatosas. É que o piso está francamente em mau estado e é necessária "uma visão maluca"

como diz o guia: olhar simultaneamente para cima, para baixo, direita e esquerda...
Mohamad fala duma inglesa que escreveu um livro da sua vida em Petra casada com um beduíno... é claro que ninguém quer perder a visita à cova onde se desenrolaram estes amores!
À esquerda surge-nos um teatro romano com 33 degraus esculpidos na própria rocha. Entramos numa zona muito mais ampla com colinas dum lado e de outro, onde se desenvolvia a cidade. Hoje, é um campo de detritos desordenados, como se um violento terramoto tivesse arrasasse a cidade.
À distância no alto, ainda se percebem as muralhas que defendiam a cidade de alguma invasão que conseguisse avançar por outros caminhos. É perfeitamente lógico, pois também já vemos alguns jipes que vieram por uma estrada que se percebe na colina ao longe.
Nas encostas rochosas mais túmulos esculpidos, uns mais pobrezinhos e outros de dimensões, formas e cores fora do vulgar. Caminhamos agora por uma avenida ladeada de colunas terminando nos apoios duma porta monumental, que se presume ter três ou quatro arcos.
Alguns instantâneos:
A criança beduína que insiste em vender umas pedrinhas e nos acompanha sempre com um largo sorriso (pareceu-me que já chamava pai a um nosso colega);
As casas de banho trogloditas, esculpidas na rocha e em pleno funcionamento.
Um beduíno tirando água dum poço;
O miúdo que toca o burro, berrando "Arre, arre, hemar (burro)".
... E são 12h30. Do interior duma tenda sai um profeta barbudo, convidando todos à oração!...

Um almoço Nabateu... e "Os exploradores do Mosteiro Perdido"

E chegámos ao local onde vamos almoçar.
É uma esplanada muito agradável no sítio onde o vale aperta e começa decerto outra garganta. No leito do rio já vinham aparecendo aloendros e eucaliptos e uma árvore notável com bancos à volta e uma inscrição "Pistacia Atlantica (Junniper) – 450 anos". À sombra de árvores frondosas do tipo *Ficus* (Benjamim, segundo o guia) sopra uma brisa fresca e preparamo-nos para matar a fome! O almoço até não deixou nada mal a hospitalidade nabateia e a cozinha beduína...
Houve uns valentes que decidiram fazer ainda o percurso que se adivinhava longo e penoso até ao "Deir" ou Mosteiro, algures nas montanhas. Outros, como eu, regressaram pelo mesmo caminho, revivendo todas as emoções da ida, com um pouco mais de transpiração.
Uma boa hora depois do controlo, chegaram os "exploradores do Mosteiro Perdido". Contaram versões contraditórias dum burro que, não se entendendo com o cavaleiro, resolveu inverter a marcha (afinal não era burro), doutro que insistia em avançar pelo lado da vereda mais junto ao precipício, com protestos inflamados da cavaleira... Enfim, regressaram todos vivos, que é o que interessa!...
Um dia cheio e para recordar, culminando com algumas fotografias do pôr do Sol sobre as cristas de várias cores... E o monumento a Aarão, irmão de Moisés, brilhando no cume mais alto (1300 m).

Dia 9 de Setembro – O Caminho dos Reis e o deserto de Wadi Rum

Viajamos agora pelo "Caminho dos Reis", estrada das caravanas de Aqaba para Damasco e Tiro. Assim chamado porque competia aos reis a sua manutenção. À direita a paisagem de cumes e cristas vermelhas das serranias de Petra (viajámos a uma altitude superior) vai-se despedindo de nós. Do lado esquerdo são as encostas duma montanha de calcário detrítico, praticamente sem vegetação. A nossa altitude é de 1550m e sopra uma brisa fresca. Apenas aparecem algumas plantações de oliveiras novas junto às escassas povoações e, como sempre, os acampamentos de beduínos. Vou pensando que, se isto fosse Israel, os judeus conseguiriam fazer crescer aqui qualquer coisa...

As confissões de Mohamad!

Mohamad está numa de confissões pessoais. Revela que é engenheiro químico, mas trabalhou apenas alguns dias nas minas de fosfatos. Já é guia há mais de 30 anos e é disto que gosta. Talvez por ser filho duma professora de História... Já passou muitos dias e noites em Petra e descobre sempre coisas novas...
A propósito de beduínos, diz que há uma simpatia generalizada pela vida saudável e hospitaleira dos beduínos porque praticamente todos os árabes descendem deles. Não se confundem com os ciganos que também há na Jordânia. Estes vivem da terra e não criam quaisquer problemas...
Sobre a Educação: o domínio turco trouxe a religião, mas não permitia o ensino das crianças. Depois veio o domínio inglês que também achava que a Escola iria fazer perder as qualidades do viver jordano.

Afirmou até que os 30 anos dos ingleses trouxeram mais sofrimento que os 400 dos turcos. Já a guia israelita dissera o mesmo... Dá que pensar!...
A escola para o povo só começa com o Rei Hussein. Hoje há professores nómadas que acompanham os beduínos e são bem pagos para isso. Os beduínos chegam às universidades, mas nunca cursam medicina porque não acreditam nos remédios químicos...
Diz que a Jordânia não tem petróleo, mas em contrapartida tem muita água subterrânea, que vai ser preciosa no futuro. Acho que tem toda a razão! Acho até que se tivesse petróleo, não teria Paz!

No Vale da Lua!
Entramos de novo na auto-estrada. A paisagem , ultrapassada a serra, começa a mudar. Agora são grandes extensões planas, com afloramentos rochosos. A cor é amarelo-dourado!... parece que já chegámos ao deserto!
E de facto entramos numa estrada secundária e lá falta de areia é que não há! E tem uma cor avermelhada linda. Tal como os maciços rochosos de formas estranhas, que irrompem da planície como restos de algum cataclismo nuclear!... Estamos no deserto chamado de Wadi Rum, ou Vale da Lua. A rocha, esculpida pelo efeito abrasivo do vento com areia, apresenta desenhos e texturas inesperadas. Estou simplesmente maravilhado!
Ao nosso lado, uma via férrea de via reduzida faz a ligação para Aqaba (lê-se Ácaba) a partir da via construída pelos Turcos em 1901, desde os portos da Arábia Saudita até Damasco, na Síria.
No abrigo dum grande maciço rochoso e com o apoio das inevitáveis lojas de recordações, esperam-nos as carrinhas 4x4 de caixa aberta, onde vamos abrir caminhos nas areias escaldantes desta paisagem lunar!...
Após umas voltas por labirintos entre rochas, eis-nos chegados a uma grande tenda beduína... com dromedários simpáticos à nossa espera para passeios e fotos. Por acaso até protestam ruidosamente quando são convidadas a levantar-se para o passeiozinho turístico.
Parece-me que era tudo fita!...e alguma preguiça!

Uma beduína simpática!
Na tenda, tomando chá e conversando, o guia chama a atenção para uma jovem, habilmente sentada no tapete, totalmente tapada por roupas negras, a qual aceita ser fotografada ao lado dos turistas, a troco, evidentemente, duma pequena remuneração. A jovem parece elegante, mas... assim tapada quem nos garante que não se trata dum jovem macho?... Mas, os seus olhos são claros e transparecem feminilidade... As fotos sucedem-se e o ambiente vai-se tornando familiar. Até já admite algumas aproximações e toques... As moedas vão caindo a seus pés!...
Até que a jovem se enfada e, acalorada, de repente se desfaz do turbante!...
Eh láaa!!! Surpresa!
... Afinal parece que até a conheço! Tem-nos acompanhado persistentemente ao longo de toda a viagem... Pois claro, é a jovem filha duma nossa colega... Bem, o dinheiro angariado lá vai direitinho para a mão do anfitrião beduíno! Afinal a casa e as roupas também são dele e isto é um negócio como qualquer outro!
E esta, hein?!!!

Um telemóvel perdido na areia!
De novo acelerando sobre a areia, parámos para fotografar à distância uma planície tremeluzente entre gigantes rochosos. É um lago seco, mas ainda distinguimos uma pequena faixa azul das últimas chuvadas. Muito belo! À sombra das grandes massas rochosas há sempre alguma humidade e aparece vegetação. Onde julgávamos que não havia vida, vão surgindo alguns dromedários pastando a erva que também nem suspeitávamos.
Uma colega perdeu um telemóvel e julga que foi quando se deslocou atrás dumas pedras no último acampamento. A sua angústia é compreensível. Mas o nosso simpático motorista beduíno, de longa sotaina preta, logo se presta a voltar atrás para procurar o telemóvel...
O quê??? Encontrar um telemóvel na areia do deserto??? Pois... talvez nem acreditem, mas foi encontrado, caído na areia e até um pouco distante do lugar esperado!... Milagres do Ramadão!...

Almoço na tenda!
Agora viajamos em correria para apanhar os outros. Estamos no lado sombrio dum maciço rochoso e a brisa é bem vinda. E de súbito numa reentrância da rocha, uma tenda de madeira, onde se vende chá e recordações... Que agradável!... Aí comprei o meu "Kofia", ou lenço beduíno, com o "Edal" ou anel para segurar na cabeça. Não o larguei mais, pois é protecção contra o calor, o frio e o vento...
Subimos uma duna caprichosa e damos de caras com um espectáculo inesperado: um grande grupo de tendas montadas na grande planície.
O que é isto??? Uma praia para tomar banhos de sol? Ou de areia?... Não, é apenas uma espécie de hotel com todas as comodidades e onde alguns turistas passam temporadas!...
Pois foi mesmo aí que almoçámos numa grande tenda, com muito calor e uns assados não sei de quê. Engraçado era o comportamento dos gatos que deambulavam debaixo das mesas. Estavam em grupo do lado de fora das tendas e parece que tiravam
à sorte quem ia fazer as recolhas. Nunca de deixavam acariciar e escolhiam criteriosamente as melhores dádivas com que corriam para o exterior, onde os outros aguardavam...

Aqaba, onde a Terra acaba e o Mar Vermelho começa...
Daqui partimos para o Mar Vermelho que já nem ficava longe. Por um imponente desfiladeiro, entrámos em Aqaba. Segundo o guia, significa isso mesmo, o lugar onde tudo acaba....
E deveria acabar também a crónica, pois não tirei mais apontamentos! Mas na memória ficam apenas as impressões mais marcantes, que são as que interessam... e por isso, lá vai!...
Depois do jantar, fomos dar uma voltita pela cidade que não é muito grande (talvez uns 30.000 habitantes). Da avenida principal, passamos para um jardim muito frequentado e entramos numa espécie de Bazar, mais parecido com os nossos, em que nas ruas normais temos lojas especializadas. A indumentária é um pouco mais ligeira que aquela a que estávamos habituados e pareceu-me que as pessoas são até mais calorosas. Talvez em consequência da ligação ao mar e das trocas comerciais... Numa loja vimos até um letreiro: "Benvindos, Portugueses! Temos grandes descontos, etc, etc...". Claro que havia a mesma conversa noutros letreiros em diversas línguas... Técnicas comerciais simpáticas!

Dia 10 de Setembro – Aqaba

Aqaba é um destino turístico, mas também o único porto da Jordânia e historicamente o porto natural no

intercâmbio entre o Índico e o Mediterrâneo. O clima é tropical e as águas límpidas do Mar Vermelho mantém uma temperatura agradável durante todo o ano. O mar, de vermelho, não tem nada, mas o seu nome virá da denominação árabe de Mar de Edom (filho de Esaú), que significa vermelho, e daí a confusão.
A manhã deste dia foi consumida no "dolce fare niente": banho de mar, banho de sol, banho de piscina, jacuzzi, almoçar... descanso...

Passeio de barco...os corais e o pôr-do-sol!
De tarde fomos dar um passeiozinho de barco. No trajecto para o cais, sentimos bem como o Sol tropical nos ataca, mordendo a pele com uns raiozinhos de fogo, que só a sombra acalma.
Navegando... o mar é de um azul intenso, a ondulação muito suave... Passámos junto ao porto comercial, cuja dimensão é menor do que eu esperaria: Cais de cereais e outros graneis, cais de contentores, o que parece uma instalação fabril de fosfatos, e, mais ao longe, o que parece uma refinaria (fica já na Arábia Saudita). Daqui avistamos quatro países: A Jordânia, com a barreira de montes de cores e formas bizarras; um pouco mais adiante, a Arábia Saudita de que se avistam montes mais baixos e mais amarelos. Do outro lado do golfo: Israel, com a cidade de Eilat, de prédios altos e modernos; e depois as costas do Egipto, bem recortadas e apoiadas em altas montanhas azuladas. Algures lá mais para trás, estará decerto o Monte Sinai!...
Parámos ao largo, já perto da refinaria saudita, para que uns destemidos e curiosos mergulhadores fossem espreitar a vida íntima de corais e peixinhos...
Dalguns percalços de marinheiros aflitos, nem vale a pena falar!... Deu tempo ainda para umas bebidas e um pezinho de dança. Destaca-se a actuação dum "jovem casal" que demonstrou grande valor artístico e... experiência de palco!
No regresso, o espectáculo foi o pôr-do-sol nas montanhas egípcias e principalmente as cores e a forma que os montes da Jordânia assumem, com a iluminação do Sol razante. Passam por toda a escala cromática, do amarelo baço ao amarelo brilhante, o vermelho, o rosa, o arroxeado...

Dia 11 de Setembro – Regresso a Amã

De manhã, uma voltinha de autocarro pela marginal de Aqaba. Podemos agora observar melhor as ruínas arqueológicas enterradas na areia, que se supõem ser da cidade de Ayla, anterior aos turcos, século VI a XII. Vimos também o castelo construído pelos Mamelucos, descendentes de Gengis Kan. Vimos de perto o altíssimo mastro com a bandeira da Jordânia. É um pouco diferente da hasteada em Amã, porque não tem estrela e há troca de posição entre o verde e o branco. Esta é a bandeira da Dinastia Hachemita do actual rei Abdullah. Almoçámos num restaurante em Aqaba e tivemos de novo aquela ementa que eles se calhar julgam ser da nossa preferência: peixe e carne fritos com batatas fritas. Confundem-nos com espanhóis ou americanos? ... Enfim, um almoço mais ou menos "bizontino"...

E de novo a caminho de Amã!

Saímos de Aqaba direitinhos àquela barreira montanhosa que parece intransponível, mas afinal enfiamos por uma garganta apertada, onde coabitam a autoestrada, o ribeiro e o caminho de ferro.

A montanha está toda riscada da erosão. Parece de areia, mas, por baixo da camada detritica de calcário, há rocha branca, bem dura. Passada a barreira, estamos no Wadi Rum, já nosso conhecido, com os seus montes colossais e a areia vermelha. Ao longe vemos nuvens de areia em redemoinho que tapam por instantes os montes.

Esperam-nos 300 km até Amã. Na autoestrada o trânsito de camiões é intenso, em especial de auto-tanques. O calor, o almoço e o "berço" estão cobrando o seu tributo. Olhando o autocarro, somos 33, mas só vejo seis acordados. Mais parece a capela da dormição!...

Vamos subindo até ao planalto e aí temos o verdadeiro deserto, plano, amarelo, o ar tremendo e peneirando um horizonte pardo, onde se nota uma linha mais escura de montes que se confundem com o céu.

A meio do percurso, a cidade de Ma'an. É grande e tem universidade. Reveste-se da importância de ser um cruzamento de estradas para o Iraque e para a Arábia Saudita. Aliás numa placa de trânsito vemos a ligação para Qash al-Azraq e um aviso em inglês: " Desvio obrigatório para os auto-tanques com destino ao Iraque". É curioso o intenso trânsito de camiões-cisterna com destino ao Iraque. Decerto vêm da refinaria saudita...

Aparecem os montes de detritos das minas a céu aberto. Aqui é a mina de Al Hasa (fosfato e urânio).

Em Al Karak Castle, vemos uma muralha quadrada isolada na planície: os turcos construíam, de 40 em 40 km, um forte para defesa da via férrea.

Chegámos a uma estação de serviço equipada com a habitual loja para turistas. Esta é enorme e até está bem equipada. Tem coisas interessantes... Infelizmente para mim, surgiram aqui os sinais da "indisposição disentérica" que, mais tarde ou mais cedo, afectou quase todos.

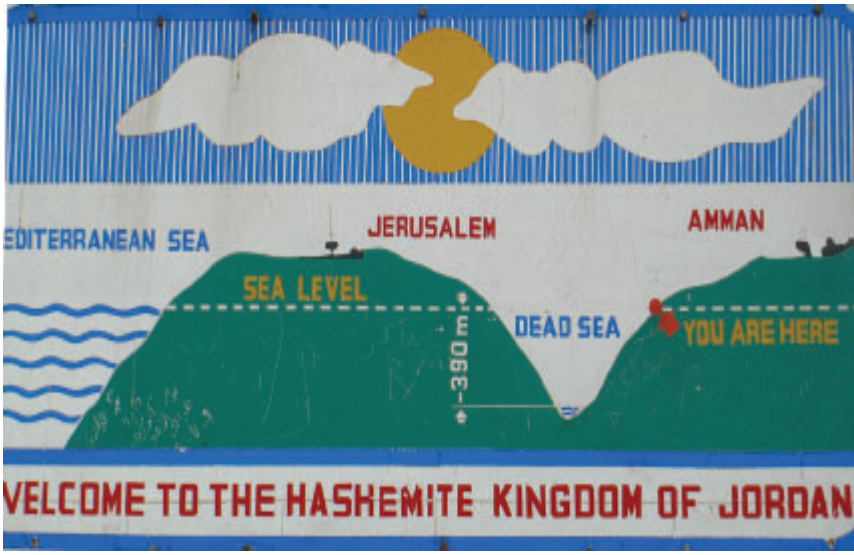
Mas começámos já a reconhecer os horizontes, a saída para o aeroporto , os montes com alguma vegetação e

até um parque de pinheiros, onde alguns carros param para "aquelas vénias dirigidas a Meca!".
Pois é, estamos em Amã e no nosso conhecido hotel!... É noite e o descanso só nos fará bem...

Dia 12 de Setembro – Regresso ao Jordão, o monte Nebo e... o Adeus

Voltámos a descer ao Mar Morto para visitar agora o local onde S. João baptizava os judeus para a nova era que ele anunciava e onde reconheceu Jesus como o Messias.
Numa paisagem de dunas de areia muito branca, com formas bizarras, entramos numa floresta de acácias que marcam o leito do Rio Jordão, onde infelizmente já nem corre água. Há ainda uns charcos que marcam o seu leito e calculo que na época das chuvas a situação deve ser diferente
No entanto, o Jordão continua sendo um rio mítico, não só pela História, mas também porque a sua água captada no Lago de Tiberiades é distribuída por todas as cidades de Israel e, através da irrigação, alimenta uma grande zona agrícola na Jordânia e em Israel.
Visitámos as escavações dos alicerces duma igreja recobertos pela lama e os aluviões de muitas cheias. Seria o local do baptismo, venerado pelos primeiros cristãos. Caminhámos depois até ao local assinalado por uma igreja ortodoxa recente e que parece ser o local para mostrar aos turistas. Aqui há uma grande pia de pedra e umas escadas para um fundo curso de água, onde ainda há peixes.
Do outro lado, é território de Israel, com edificações modernas e recentes. Chega um autocarro de turistas acompanhado dum veículo militar fortemente armado. Talvez para não esquecermos o mundo em que vivemos e a realidade que temos!...

Moisés e a Terra Prometida...
Voltando ao autocarro, começámos a subir, por uma estrada secundária, a grande muralha pedregosa que é a margem jordana da grande depressão. O monte Nebo está a 735m de altitude, mais os 400m da depressão, temos 1135m para subir.
Nebo significa Profeta, em Aramaico, a língua de Jesus. Segundo a tradição, foi daqui que o Profeta Moisés lançou o seu último olhar sobre a Terra Prometida!
Se a visibilidade fosse boa, veria para além do Mar Morto e a planura indistinta do Jordão, as terras férteis e de clima ameno da Judeia, Samaria e Galileia. Do alto deste monte terá avistado ainda a desejada Jerusalém!...
Agora o monte Nebo, onde Moisés foi sepultado, é um lugar de paz, com algumas árvores, um oásis no meio de montes desolados, sem a mínima vegetação. Talvez na Primavera se cubram de erva e flores!... Há restos de antigas igrejas e estão preservados uns mosaicos de pedrinhas coloridas, verdadeiramente únicos.
Escondido entre as pedras, um modesto convento de Franciscanos que fazem arqueologia e regam as oliveiras...
Madaba, apenas a 10 km de distância, é uma cidade de média dimensão e com raízes muito antigas, referida na Bíblia como Medeba, cidade do reino dos Moabitas. O seu nome em Aramaico é a combinação de Meia = água e Daba = fruta.
Tendo tido o seu máximo fulgor na era bizantina, a sua população continua sendo em maioria (80%) cristã. A sua maior atracção é o fabrico de mosaicos feitos de pedrinhas coloridas e que se vendem aos turistas. No chão da igreja ortodoxa de S. Jorge, da época de Justiniano, pode ver-se um famoso mosaico com o



mapa da Palestina para benefício dos peregrinos que se dirigiam à Terra Santa. Nota-se que a Palestina desse tempo incluía além do território actual, também a Jordânia e a Península do Sinai.

O Adeus!
Regressados a Amã, restam os preparativos para a viagem aérea de regresso.
É a altura de falar do nosso guia, Pedro Santos, que fez o possível por passar despercebido, mas na sombra foi assegurando que todas as ligações estavam garantidas, resolvendo com o maior profissionalismo as crises que nós nem nos chegámos a aperceber.
Com a maior simpatia, começamos logo a senti-lo como um de nós e uma rocha sólida a quem recorrer em caso de necessidade. Fica na memória como uma das chaves para que tudo tivesse corrido tão bem!...

Foi esta crónica terminada em 20 de Outubro de 2008! O autor agradece a todos os companheiros os bons momentos passados e espera que esta leitura lhes traga boas recordações.

Autor

Engenheiro Sousa Pereira
Professor do Instituto Politécnico de Tomar
Sócio nº 875/04 da AACDN

Foto © Lusa

D. Nuno Álvares Pereira, Guerreiro e Santo

Por esta altura pouco ou nada haverá para dizer sobre D. Nuno Álvares Pereira. Aqui, pelo menos, não nos arrogaremos o atrevimento de acrescentar novas à sua vida, sobretudo pela proximidade do dia da sua canonização, facto que certamente fará abundar nas montras as mais recentes e completas biografias do Santo Condestável. Mas os factos somados de uma vida não são suficientes, seguramente, para definir qualquer homem, muito menos alguém como D. Nuno. Torna-se igualmente necessário conhecer o palco e o cenário onde desempenhou o seu papel, como se tornou um dos protagonistas de alguns dos mais importantes episódios da História de Portugal e quais as motivações – intrínsecas ou outras – que o impulsionaram.

O Séc. XIV encerra um período conturbado e difícil da História europeia. De norte a sul, a primeira metade do século é marcada por consideráveis períodos de fome resultantes da queda significativa da produção agrícola e mineira, agravadas pelo aumento dos impostos com que os senhores procuravam equilibrar as suas finanças. A Peste Negra, por sua vez, dizimou cerca de dois terços da população, debelando seriamente a mão-de-obra rural e ferindo com gravidade a economia agrícola dos anos seguintes. Não são de descurar, noutro plano, as implicações religiosas desta epidemia, assumida como um castigo de Deus. A França e a Inglaterra envolvem-se na Guerra dos Cem Anos (1337-1453) e em ambos os países ocorreram diversas revoltas populares que brotavam das difíceis condições socioeconómicas.

Na Península Ibérica a situação não era muito diferente e, em muitos aspectos, era até agravada pelos ecos dos problemas sentidos no resto da Europa. As monarquias e as cortes castelhana e portuguesa viveram frequentes conflitos internos, sobretudo motivados por questões de sucessão e de legitimidade ao trono. A proximidade geográfica e até familiar entre os dois reinos fomentava, não só alguns convenientes (ou inconvenientes) contratos matrimoniais entre as famílias de ambas as linhagens, mas também um considerável número de exilados políticos que passavam a frequentar as cortes de ambos os lados da fronteira. Também a crise económica exerceu uma importante influência na convivência social e familiar da nobreza peninsular, fazendo-se sentir rapidamente a diminuição dos rendimentos senhoriais entre os segundos filhos e os numerosos filhos bastardos, afastando-os cada vez mais da herança ou usufruto do património familiar. As rigorosas regras de sucessão, neste contexto particular, incendiavam os ânimos de qualquer possível pretendente ao trono. Quando, em 1383, D. Fernando morreu sem deixar um filho varão, a guerra era já evidente.

É neste contexto e entre estas dificuldades que surge D. Nuno Álvares Pereira, nascido em 24 de Junho de 1360. Filho bastardo de D. Álvaro Gonçalves Pereira com Iria Gonçalves do Carvalhal, tinha já um ano de vida quando foi legitimado por um acto do Rei D. Pedro. E logo nas suas origens se encontram traços marcadores que acabarão por influenciar o seu destino e o seu modo de vida distinto e paradoxal.

D. Nuno foi neto, pelo lado materno, de um Arcebispo de Braga que, não só deixou prole, como ainda, ao lado de D. Afonso IV, combateu na Batalha do Salado. O seu pai, Prior da Ordem do Hospital, apesar de obrigado ao celibato, teve 32 filhos de diversas mulheres, sendo o nosso herói um dos mais novos. Não negando as suas raízes bélicas e religiosas, D. Nuno optou, no entanto, por uma conduta tendencialmente ascética, casando, embora contrariado, com Dona Leonor Alvim, a única mulher da sua vida, de quem teve uma única filha. Diz-se até que, após a morte de D. Fernando, deixou de dormir com a mulher, querendo com isto viver mais de acordo com as suas convicções e agradar a Deus. Esta faceta de devoto abnegado não se reflectiu apenas no seu quotidiano familiar nem no fim da sua vida, quando recolhe ao Convento do Carmo sob um voto de pobreza. O seu

Foto © Lusa

desprendimento pelos bens materiais está bem vincado nas muitas vezes que recusou rendas e bênçãos para se converter à causa castelhana, mesmo nos momentos mais difíceis, como quando, em 1384, em Évora, com forças desproporcionalmente inferiores, recusou o aliciamento do marechal inimigo, que lhe garantia as boas graças do Rei D. Juan I. Nesta verticalidade de carácter e no altruísmo demonstrado não será difícil rever os ensinamentos que recebeu em tenra idade, quer na casa do seu pai, por onde passavam os Cavaleiros da Ordem do Hospital, com histórias da Guerra dos Cem Anos (destes veteranos D. Nuno poderá ter aprendido as tácticas mais modernas empregues na Grã-Bretanha e no norte europeu, onde já era utilizada, com sucesso, a infantaria apeada contra as massivas cargas de cavalaria), quer na Corte de D. Fernando, para onde foi enviado aos 13 anos, instruindo-se na arte das armas e na leitura dos clássicos da Antiguidade e dos livros de Cavalaria, entre os quais as histórias dos Cavaleiros da Távola Redonda, de

onde D. Nuno terá destacado o Cavaleiro Galaaz, que elegeu como modelo.

Munido da ciência táctica da guerra e do ideal literário da época, D. Nuno alcança, ainda em vida, uma imagem mística e lendária, para a qual terá contribuído, certamente, a sua objectividade e pragmatismo na aplicação prática das suas leituras. Aliás, a sua passagem por diversos campos de batalha é amplamente demonstrativa da sua técnica, sensatez e empreendedorismo, provando por várias vezes que a dimensão de um exército e a força bruta de que é capaz, nem sempre são garantias de vitória. Para isso, D. Nuno recorria a um pequeno conjunto de directrizes: escolhia sempre o terreno, mesmo quando limitado pelas imposições de uma acção defensiva; nunca entrou numa contenda por veleidade ou questões pessoais, deixando claro que o combate seria sempre a última escolha; tinha constantemente em atenção os objectivos a que se propunha, a obtenção de resultados e as consequências dos seus actos. Além destas orientações e da noção clara de que o sucesso é determinado por um conjunto de factores que procurava sempre controlar, D. Nuno era ainda hábil na criatividade e nas acções mais inesperadas, tirando delas o melhor partido possível. Na tomada de Monforte, por exemplo, em 1384, o Condestável mandou ocultar as forças e colocou, durante a noite, algumas vacas no fosso do castelo. Pela manhã, os incrédulos habitantes abriram as portas para recolher os animais perdidos e permitiram assim a invasão da vila. Noutra altura, durante o cerco a Lisboa, D. Nuno teve a necessidade de falar com D. João, Mestre de Avis, que se encontrava na cidade. D. Nuno estava na outra margem e, entre eles, no Tejo, levantava-se a frota castelhana. O guerreiro opta, então, ao abrigo da noite, por fazer a travessia com alguns batéis, tendo deixado ordens no acampamento para que, quando se encontrassem no meio dos navios inimigos, fizessem soar as trombetas. O generalizado alerta castelhano, procurando descortinar o que sucedia em terra, deixou passar, sãos e salvos, os pequenos barcos portugueses. Aliás, nas suas acções militares vislumbra-se outro paradoxo: sendo um cavaleiro aristocrata, as tácticas a que recorreu dificilmente se coadunariam com as concepções da altura, pelo menos na Península Ibérica, uma vez que assentavam essencialmente na infantaria e na luta "pé terra".

A inabalável lealdade de D. Nuno Álvares Pereira terá sido, porventura, o grande pilar da sua existência e o mais forte sinal do seu carácter. Fiel aos seus princípios, à sua devoção e aos deveres militares, D. Nuno era igualmente fiel ao seu Rei e às suas origens. E foi esta fidelidade que guiou as suas opções políticas na crise de 1383-85. Leal a D. Fernando I, quando este morre sem sucessor, D. Nuno transporta a sua fidelidade para uma certa noção de territorialidade (a ideia de Pátria era ainda demasiado incipiente na altura) e para aquele que, ao contrário do partido legitimista, poderia manter essa coesão: D. João, Mestre de Avis, e a causa nacionalista. Pesa o facto de, tal como D. Nuno, D. João ser igualmente filho bastardo e reunir à sua volta outros como ele e filhos secundogénitos, a maior parte dos quais eram também membros das ordens militares de Avis, de Cristo, de Santiago e do Hospital, constituindo-se assim uma espécie de elite militar nacional, defensora da terra conquistada arduamente pela espada contra Árabes e Castelhanos. E à volta deste sentimento, em prol de um território que já exigira tanto sangue e suor, juntava-se também o povo, que não aceitava pacificamente a entrega da coroa à dinastia de Castela.

Além disso, D. Nuno Álvares e D. João eram amigos de longa data e assim permaneceram até à morte do primeiro, em 1431. Esta ligação começou, simbolicamente (um simbolismo percebido *a posteriori*), ainda antes de eles se conhecerem. Chegado à Corte com 13 anos, quis a Rainha D. Leonor Teles, pessoalmente, armá-lo escudeiro, adivinhando nele as qualidades de um futuro e brilhante cavaleiro. No entanto, não havia no momento um arnês que lhe servisse, pelo que foi mandado pedir emprestado para a investidura o arnês que D. João tinha usado naquela mesma ocasião. Por esta amizade a D. João e pela lealdade que depois lhe dedicou, D. Nuno ficou em campo oposto ao dos seus irmãos, partidários da causa de Castela, chegando mesmo a combater contra o irmão mais velho, D. Pedro Álvares Pereira, em Atoleiros e Aljubarrota.

Das suas fortes convicções brotava, com certa naturalidade, sobretudo depois da importante vitória em Atoleiros, um grande poder de persuasão e galvanização, lapidado por um discurso honesto e frontal, que lhe serviu para, sem refregas, convencer Almada e Estremoz, indecisas sobre o seu destino, a juntarem-se ao Mestre de Avis. Foram ainda as suas palavras que arregimentaram muitos dos que combateram ao seu lado, peões inexperientes e, tantas vezes, mal alimentados, mal vestidos e mal armados, unidos, não por um sentimento de nacionalidade, como actualmente o entendemos, mas por uma consciência colectiva e fortemente territorial, de onde aquele sentimento terá depois germinado.

A complexidade da crise de 1383-85, tendo em conta o contexto socioeconómico peninsular e europeu da altura, e as dificuldades impostas por uma guerra, até com algumas características fratricidas, parecem não se adequar ao singular protagonismo de D. Nuno Álvares Pereira, ainda que partilhado pela actuação política e também militar de D. João. Outros numerosos intervenientes hão-de ter cumprido a sua missão para que os resultados fossem os desejados. Mas Atoleiros e Aljubarrota tiveram, sem dúvida, uma importância fulcral na História de Portugal, sendo igualmente inegável que sem D. Nuno o desfecho daquelas duas batalhas, se viessem sequer a ter lugar, poderia ter sido outro.

E o que foram Atoleiros e Aljubarrota além de duas decisivas vitórias militares? Foram o resultado da abnegação e da técnica de um líder e estratega sensato, mas empreendedor e criativo, que recusou quaisquer tributos, sujeitando-se a um combate desigual pelos seus ideais, contra o *status quo* instalado, contra uma alta nobreza afastada dos alicerces populares do reino e contra a submissão a uma coroa que, apesar dos laços familiares, era estrangeira. Foram a vitória da lealdade à terra e aos próprios princípios sobre a ambição desmedida e arrogante. Foram o princípio galvanizador, estruturante e germinal da Pátria e um dos primeiros sinais inequívocos de coesão nacional. Foram, e são, uma referência histórica concreta sobre o poder da vontade sobre a vontade de poder.

Perante a crise global que o mundo atravessa e a aparente impotência das grandes nações, perante a busca incansável de facilitismo e de benefícios próprios, perante a opulência de alguns e a corrupção de outros, o testemunho deixado por D. Nuno Álvares Pereira pode constituir a força necessária para o regresso de valores e de uma moralidade entretanto alheados do quotidiano. O exemplo da sua vida e daquelas duas batalhas podem ser o impulso suficiente para uma nova dignidade social e política, assente em valores superiores ao indivíduo e ao interesse particular e partidário, porque o futuro de um país depende daqueles que por ele travam a simples luta diária, que por ele empreendem e que por ele dão o seu melhor.

Por outro lado, vivemos tempos em que os ideais e as políticas parecem pairar acima das pessoas. Superiores ao indivíduo, as ideias acabaram por se tornar também

D. Nuno lutou sempre na linha da frente das batalhas (...) Pôs sempre o corpo onde estavam as suas palavras e a honra onde estavam as suas acções

superiores ao colectivo, colocando-se num plano diferente e mais elevado, muitas vezes já fora de alcance e quase incompreensíveis. Os ideais criados para o bem comum, as políticas desenvolvidas em prol das sociedades, defendidas ferozmente pelos seus criadores ou por aqueles que as admiram e que nelas se inspiram, já dificilmente conseguem descer do desígnio intelectual de onde germinaram e perderam de vista a humanidade, as gentes e o indivíduo. Também neste aspecto, o exemplo deixado por D. Nuno foi diferente. Os seus ideais nunca se afastaram das suas práticas e pautou a sua vida, no campo religioso, militar e pessoal, pelas suas mais profundas e verdadeiras convicções. Lutou sempre na linha da frente das batalhas, de pé, com os homens por quem daria a própria vida. Pôs sempre o corpo onde estavam as suas palavras e a honra onde estavam as suas acções.

D. Nuno está agora nos altares porque esteve sempre nos corações dos Portugueses e na memória de Portugal. Falta que esteja nas nossas obras.

Autor

O Tenente RC Paulo Moreira é licenciado em Português e Francês, pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, em Vila Real. É Redactor do *Jornal do Exército* desde Setembro de 2007.

Obama e o Médio Oriente no "período de graça"

A nova administração de Barack Obama tem pela frente uma série de complexos desafios no Médio Oriente. À parte os problemas antigos que se arrastam desde há décadas, como o impasse com o Irão e o conflito israelo-palestiniano, Obama deverá fazer as contas com a pesada herança da era Bush, consubstanciada na invasão do Iraque e numa ineficaz luta global contra o terrorismo. O novo presidente será obrigado a lidar com várias crises e deverá gerir vários dossiês simultaneamente, devido às interligações entre várias questões. Será absorvido por um conjunto espinhoso de questões internacionais, como a degradação da situação no Afeganistão e Paquistão, a retirada do Iraque, a tensão nuclear com o Irão e a debilidade da situação no Médio Oriente. Obama é um homem de convicções, mas, no que se refere à sua política externa para o Médio Oriente, pautar-se-á por uma abordagem pragmática e realista, indispensáveis à resolução dos conflitos e impasses que marcam a actual conjuntura.

Para já, além de lidar com alguns dos dossiês mais urgentes, a estratégia de Obama tem sido a de tentar criar uma nova percepção da comunidade internacional em relação aos Estados Unidos. Obama acredita que a postura pouco dialogante de Bush foi prejudicial à política externa americana, pois aumentou a desconfiança em

relação aos Estados Unidos. Obama tem conduzido uma "ofensiva charme", em relação ao mundo muçulmano que é parte da sua estratégia – "diplomacia agressiva", nas suas palavras – para mudar o tom e a imagem do mundo em relação à política externa americana.

Na sua mensagem na tomada de posse, Obama disse ao mundo muçulmano: "procuramos um novo caminho em frente, baseado no interesse mútuo e no respeito mútuo"[1]. Obama deu a sua primeira entrevista a uma rede de televisão estrangeira à estação al-Arabiya, sublinhando os sinais de mudança. A 20 de Março, por ocasião do primeiro dia de Nowruz (o ano novo do calendário zoroastra), Obama dirigiu, via Internet, um discurso em vídeo "ao povo e aos líderes" da República Islâmica, em que diz que "os Estados Unidos querem que a República Islâmica do Irão ocupe o seu devido lugar na comunidade das nações"[2]. No seu discurso perante o Parlamento turco, Obama afirmou o seu respeito pelo mundo islâmico: "Os Estados Unidos não estão e jamais estarão em guerra com o Islão"[3].

A visita de Obama à Turquia em inícios de Abril foi a pedra de toque da sua promessa para melhorar as relações com o mundo muçulmano. A visita coincidiu com o Segundo Fórum das Nações Unidas sobre a Aliança das Civilizações, que tenta precisamente abordar as tensões e divisões entre as culturas e as religiões. Ao escolher a Turquia, bastião do Islão moderado, o presidente cumpriu uma promessa da campanha: fazer num país muçulmano um discurso dirigido ao mundo islâmico nos primeiros tempos da sua administração.

Em relação ao Iraque, Obama opôs-se desde o início à guerra. Durante a campanha, Obama pediu a retirada de uma ou duas brigadas de combate por mês durante um período de 16 meses a partir de Janeiro, ou seja, até ao Verão de 2010. Contudo, não deixou de procurar alguma flexibilidade e margem de manobra ao referir a permanência de uma força residual no Iraque, de tamanho indefinido, para fazer face a acções de contra-terrorismo contra a al-Qaeda e para a protecção dos civis e diplomatas norte-americanos. Essa força não teria bases permanentes no Iraque, mas continuaria a treinar e a apoiar as forças de segurança iraquianas, desde que os líderes iraquianos mantivessem os seus esforços de reconciliação política e desenvolvessem as suas forças[4]. Obama afirmou: "Devemos ser cautelosos na retirada do Iraque, pois fomos imprudentes na entrada." Acrescentou: "A retirada das nossas forças será responsável e faseada, dirigida pelos nossos comandantes no terreno e com o aconselhamento do governo iraquiano"[5].

Na sua recente visita ao Iraque, Obama afirmou que "os próximos 18 meses vão ser decisivos para nós", já que prevê eliminar todas as operações de combate, envolvendo soldados americanos, no final de Agosto de 2010. Obama acautelou que a retirada das tropas depende da capacidade dos militares garantirem a estabilidade no Iraque e a sua eficácia no combate ao terrorismo. Os Estados Unidos mantêm 140 mil soldados no Iraque. Ultimamente, as atenções dos militares e da Administração têm estado voltadas para o Afeganistão. O Representante especial dos Estados Unidos para o Afeganistão e Paquistão, Richard Holbrooke, disse na Conferência de Segurança de Munique que o conflito no Afeganistão será "muito mais duro" do que no Iraque[6]. Os problemas no Afeganistão foram o tema central da recente Cimeira da NATO. As suas palavras foram confirmadas pelo General David Petraeus - ex-comandante das tropas americanas no Iraque, actual director do CENTCOM e responsável pelo Médio Oriente -, o qual afirmou que a guerra no Afeganistão se "deteriorou de forma marcada nos últimos dois anos" e pôs em guarda face a "uma espiral crescente de insegurança"[7].

Durante a campanha eleitoral americana, o candidato democrata ligou a necessidade de concentração de esforços no Afeganistão à luta contra o terrorismo e o radicalismo. O Afeganistão não tem a importância estratégica do Iraque, mas o palco afegão-paquistanês tornou-se o ponto fulcral de grupos jihadistas. Barack

Obama identificou o ressurgimento da al-Qaeda e dos taliban no Afeganistão-Paquistão, como uma das maiores ameaças à segurança dos EUA. Acreditando que o conflito afegão tinha sido negligenciado em prol da guerra no Iraque – o que terá precisamente permitido o reagrupamento dos taliban e de militantes da al-Qaeda nos últimos três anos –, Obama afirmou que o Afeganistão seria uma prioridade da sua Presidência.

Os seus objectivos serão o reforço da lei e da ordem naquele território e a eliminação da ameaça terrorista, com vista a assegurar a estabilidade do país e de toda a região. Obama defendeu assim o aumento de tropas a operar naquele cenário com o envio de mais brigadas de combate. Tal tornaria inevitável a deslocação de meios militares do Iraque para o Afeganistão, conferindo maior urgência à retirada iraquiana. Do mesmo modo, Obama defendeu a necessidade de pressionar os aliados dos EUA no Afeganistão para reforçarem os respectivos contingentes militares. A acompanhar este aumento de meios militares, o candidato prometeu colocar em prática medidas visando aumentar os recursos e a formação do exército e das forças policiais afegãs.

Atendendo à complexa conjuntura regional, tudo leva a crer – nomeadamente a composição da sua equipa de política externa – que o agora Presidente mantenha o Afeganistão e o Paquistão no topo da sua lista de prioridades e que trabalhará para alterar as condições daquela região do mundo.

A nova política de Washington para o Afeganistão já está consolidada. O número de soldados norte-americanos no país vai aumentar, a cooperação com o Paquistão deverá ser mais estreita e o trabalho de reconstrução civil deverá adquirir maior importância. Os Estados Unidos têm já 70 mil militares no Afeganistão, a grande maioria sob comando da NATO, sendo que alguns milhares integram ainda uma missão especial que opera no Sul e Leste do Afeganistão com a missão principal de combater a al-Qaeda na região. Obama decidiu já enviar mais 21 mil efectivos para o país e a Casa Branca adianta que está em consideração um destacamento de mais 10 mil. Na Cimeira de 3 e 4 de Abril, os países da NATO comprometeram-se com o envio de mais cinco mil militares para o Afeganistão, dos quais três mil deverão ser destacados provisoriamente para garantir a segurança das eleições presidenciais de Agosto. A resposta dos aliados europeus foi nitidamente inferior às expectativas dos EUA.

Na frente israelo-palestiniana, o Presidente norte-americano afirmou que o seu objectivo é a criação de dois Estados, Israel e Palestina, a viver lado a lado, em paz e segurança. Na Turquia, Obama abordou publicamente o conflito no Médio Oriente desde que Benjamin Netanyahu assumiu o poder. Este é uma das frentes onde a administração não tem tomado grandes iniciativas, apesar de ter posto em campo um emissário americano para o Médio Oriente, George Mitchell. O novo governo israelita poderá não cooperar nos esforços de Washington: o novo ministro israelita dos Negócios Estrangeiros, Avigdor Lieberman, afirmou que Israel não se considera vinculado aos Acordos de Annapolis, que prevêem a criação de um Estado palestiniano.

A importância regional que o Irão actualmente assume torna incontornável o diálogo entre este a República Islâmica e os EUA. Assim, um dos mais urgentes e complexos desafios que espera a Administração do recém-eleito presidente Obama, no plano da política externa, é, precisamente, como estabelecer esse diálogo com o regime islâmico.

Os desenvolvimentos pós-11 de Setembro permitiram ao Irão assumir um grande protagonismo regional. A República Islâmica tem, assim, uma palavra a dizer relativamente a todos os dossiês políticos do Médio Oriente e Golfo Pérsico; e em todos eles se distinguem linhas de fractura com os Estados Unidos mas, ao mesmo tempo, vários interesses convergentes[8]. Em relação ao Afeganistão, os dois países têm muito a lucrar com uma colaboração mais próxima, que suporte a estabilização do território afegão através da oposição aos talibans, do combate ao tráfico de ópio e do apoio ao governo do presidente Karzai.

A principal questão que opõe os dois países é, sem dúvida, o desenvolvimento de capacidades nucleares, por parte do regime islâmico. Os Estados Unidos, além de recearem que o Irão, na posse de capacidades militares nucleares, prossiga, com poucas hipóteses de oposição, uma política externa expansionista que comprometa os interesses norte-americanos na região, temem a efectiva utilização da bomba contra os seus aliados ou mesmo contra o seu território. Assim, os EUA exigem a cessação imediata dos esforços nucleares iranianos. Teerão, por sua vez, defende a

sua legitimidade para desenvolver e completar o ciclo de combustível nuclear, encarando as exigências de Washington como uma tentativa para impedir o progresso tecnológico e económico iraniano, assim como a sua autonomia política. Contudo, até nesta delicada questão há alguma convergência, uma vez que os dois Estados procuram evitar, a todo o custo, o início de uma escalada nuclear na região.

A Secretária de Estado, Hillary Clinton, confirmou a viragem em curso na política americana ao anunciar, durante uma reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros da NATO, que convidou o Irão a participar na conferência sobre o futuro do Afeganistão, que teve lugar em finais de Março.

Para Teerão, até agora Obama ainda não endereçou de forma explícita as questões que realmente dividem os dois países. Tal não significa que os iranianos não estejam dispostos a negociar. Por detrás da retórica, os iranianos têm uma postura muito pragmática. Não é completamente claro até que ponto Obama está preparado para negociar. O que está disposto a ceder em função das suas pretensões? Estará Obama preparado a oferecer ao Irão uma voz dominante no Iraque e no Afeganistão? Quanto insistirá Obama na ligação do Irão ao Hezbollah e ao Hamas? O que pode dar ao Irão se este encerrar o seu programa nuclear? Não são claras as respostas que Obama tem para estas questões. Reconstruir a imagem americana é um objectivo razoável para os primeiros 100 dias da presidência. A "ofensiva de charme" de Obama tem os dias contados. Em breve, a abertura demonstrada por Obama terá de ser confirmada pelos factos e ser seguida por uma negociação que se afigura muito difícil.

Fotos © Lusa

---

[1] "Tomada de posse. Discurso de Barack Obama em português", Público, 20.01.2009 (http://ultimahora.publico.clix.pt/noticia.aspx?id=1356898).

[2] The White House - Office of the Press Secretary, "Videotaped Remarks by the President In Celebration of Nowruz", 20.03.2009 (http://www.whitehouse.gov/the_press_ office/VIDEOTAPED-REMARKS-BY-THE-PRESIDENT-IN-CELEBRATION-OF-NOWRUZ/).

http://blog.beliefnet.com/cityofbrass/2009/03/transcript-obamas-nowruz-messa.html

[3] "Obama abre os braços ao Islão", Euronews, 07/04/09 (http://pt.euronews.net/2009/04/07/obama-abre-os-bracos-ao-islao/).

[4] "Obama-Biden" Website (http://origin.barackobama.com/issues/iraq/).

[5] Senator Barack Obama, "A new strategy for a new world", Washington, D.C., 15.07.2008, "Obama-Biden" Website (http://my.barackobama.com/page/community/post/amandascott/gGxkFr).

[6] Craig Whitlock, "National Security Team Delivers Grim Appraisal of Afghanistan War", *The Washington Post*, 9 de Fevereiro de 2009, p. A13.

[7] Ibid.

[8] Kaveh L. Afrasiabi, "Coming to grips with Iran's regime", The Washington Times, 26.10.2008; Karim Sadjadpour, "Iran: is productive engagement possible?", *Carnegie Endowment for International Peace*, Outubro de 2008, p.3.

Autora

Maria do Céu Pinto
Professora na Universidade do Minho
Sócia nº 778/00 da AACDN

A propósito da expressão Sociedade do Conhecimento

Não é de hoje, pois vem de longe a tendência para a inculcação de chavões bem sonantes, pretensamente sábios e calculadamente directivos, no âmbito da actividade desenvolvida nas áreas da Educação e do Ensino e, por norma, dirigidos aos respectivos profissionais. Surgem de forma espontânea, veiculados - quase sempre nesciamente - pela comunicação social, pairam por algum tempo na bruma da indefinição, são uma ou outra vez evocados por debutantes impressionados, até que, verificada a ausência de fundamentos válidos que os sustentem, esvaem-se, diluídos no vazio da sua essência.

É evidente que acabam por produzir efeitos. Efeitos bem perniciosos e com reflexos na aprendizagem, como hoje se constata no que respeita à Matemática e à Língua Materna, porque "é desumano obrigar os pequenos alunos à memorização da tabuada" ou "o ditado é um processo didáctico ultrapassado e antipedagógico".

Um dos chavões que ultimamente tem feito o seu percurso e amiúde se faz escutar é o de que se vive hoje na "sociedade do conhecimento", à qual a Escola tem de estar atenta, para ser capaz de corresponder às exigências que implica, no sentido da preparação para a vida dos jovens alunos que a frequentam.

Ora, se bem se atentar na História da Humanidade, da Idade da Pedra Lascada à Idade Atómica, todas as sociedades foram sociedades do conhecimento. Por um lado, todos os seus membros nasceram dotados do conhecimento instintivo, a dimensão do conhecimento que tem por função a conservação da espécie e se manifesta através da procura e ingestão dos alimentos, de actos reflexos que se traduzem em mecanismos de defesa, e da prática sexual que garante a reprodução.

Por outro lado, todos adquiriram, através dos sentidos, informação que se traduz no conhecimento intuitivo, a dimensão do conhecimento que permite a observação e identificação de objectos e fenómenos por via dos sentidos, como o cheiro das flores, o sabor dos frutos, o canto dos pássaros, a aspereza dos corpos, a cor dos campos, a sucessão dos dias e das noites ou das estações do ano.

Por outro lado ainda, em todas as sociedades, os seus membros, embora a níveis diversos, tomaram contacto com consequências e resultados do conhecimento científico e do conhecimento filosófico, as dimensões do conhecimento que têm por objectivo a resposta ao como e ao porquê dos fenómenos, a cuja análise se dedicaram inúmeros cientistas ao longo dos milénios. Assim se estruturaram os vários ramos da Ciência, como a Medicina, a Física, a Filosofia, a Matemática, a Geometria, a Geografia, as Línguas, a Biologia, a Botânica, o Direito, a História, a Música, etc..

O conhecimento, bem como a sua própria evolução a nível científico, tem sido, pois, uma constante da Humanidade ao longo da História, carecendo de fundamento válido a pretensão de que apenas hoje se vive na "sociedade do conhecimento". Em boa verdade, o que acontece e se verifica é que, por força do desenvolvimento tecnológico a nível da comunicação social, se tem actualmente mais fácil acesso à informação sobre a ocorrência dos fenómenos. Tal significa que aumentou o volume do conhecimento intuitivo a adquirir pelos sentidos, neste caso, pela via da visão (visionamento e leitura) e da audição (rádio e telefone).

É verdade que se tem assistido ultimamente ao desenvolvimento acelerado das tecnologias. Todavia, estas não têm para a formação integral do Homem a importância que nesse sentido têm as Ciências. (Questão a abordar oportunamente).

Orientando-se o papel da Escola no sentido da transmissão, aquisição, aplicação e construção do conhecimento científico, isto é, no sentido da procura de respostas ao como, ao porquê e ao para quê dos fenómenos, é evidente que, embora o volume da informação que chega aos alunos não possa ser ignorado, tal não implica que, em face deste fenómeno, a Escola se desvie do rumo para si definido, porque em causa estão o modo e o processo de facultar aos alunos, a cada aluno, instrumentos científicos, morais e humanos que o ajudem à sua formação ao longo da vida.

P.S. O modelo de gestão adoptado ultimamente para o sistema educativo tem-se limitado à imitação dos modelos usados por organizações empresariais que têm por finalidade a produção de bens tangíveis. Daí, a avaliação por objectivos.

Ora um dos objectivos deste Governo e, uma vez nele integrada, desta equipa ministerial da Educação, foi a redução do défice. Para tanto, não hesitou em congelar a progressão dos professores na carreira, com as consequências negativas que se reflectem na degradação geral do Ensino.

Para tanto, não hesitou em congelar a progressão dos professores na carreira, com as consequências negativas que se reflectem na degradação geral do Ensino

Talvez tivesse sido mais profícuo enveredar por outras medidas mais eficazes, como, por exemplo, a extinção pura e simples das correias de transmissão instaladas no sistema burocrático-gestionário do Ministério (Direcções Regionais, CAES e outras que tais) ou de uns quantos organismos centrais cujas áreas de competência se sobrepõem e atropelam, criando condições óptimas para a instalação no sistema da ambiguidade e da indefinição, na linha da Teoria do Caos na Administração.

Todavia, o maior e mais grave falhanço desta equipa ministerial, relativamente ao objectivo definido pelo Governo que integra, tem a ver com a decisão de ignorar a existência, nas estruturas administrativas e pedagógicas dos organismos centrais do Ministério, de técnicos superiores e assessores jurídicos com provas dadas na respectiva área, e encomendar a um pretenso especialista de "direito da educação" a execução de uma tarefa que não foi capaz de levar a cabo, a troco de largas centenas de milhares de euros que não só não contribuiu para a redução do défice, como, bem pelo contrário, contribuiu para o seu desnecessário agravamento.

Em face deste desempenho impeditivo do alcance dos objectivos autodefinidos, como avaliar esta equipa ministerial e, em especial, a egrégia gansíada[1] que a dirige?

O cidadão atento, responsável e ponderado não tem dúvidas: medíocre.

[1] "Gansiada" (de ganso, epíteto por que se conhecem os casapianos), à semelhança de "lusíada", é o termo épico utilizado pelos alunos da Casa Pia na descrição da sua heróica saga na Instituição.

Autor

Pinho Neno
Mestre em Ciências da Educação
Sócio nº 572/96 da AACDN

Acontecimentos & Actualidades

Crise da Economia ou Economia em Crise?

Acerca do tema em título, teve lugar na Messe de Monsanto da Força Aérea, no passado dia 23 de Junho, mais um jantar-debate, cujo orador foi o experiente Prof. Dr. António Bagão Félix, ex-Ministro das Finanças.
A sua fluente e expressiva comunicação fez com que a audiência fosse muito apreciável, tendo-se gerado um frutuoso debate acerca do tema em questão.

Reformulação do Conceito Estratégico da NATO

No passado dia 25 de Junho, teve lugar na Sala das Sessões da Academia das Ciências de Lisboa uma sessão da Classe de Letras intitulada *Reformulação do Conceito Estratégico da NATO: a Experiência e a Mudança*. Apresentaram comunicações os Académicos Senhores José Alberto Loureiro dos Santos (*Reordenar a Segurança do Ocidente*), Nuno Gonçalo Vieira Matias (*60 Anos da NATO. Um Testemunho e a Prospectiva*) e Adriano Moreira (*O Conceito Agregador da Segurança Ocidental*).
A AACDN fez-se representar na sessão pelo Vice-Presidente, Dr. Marques Fernando.

Quotas em 2009

Por proposta da Direcção, foi deliberado em Assembleia Geral ordinária manter o valor da quota anual nos mesmos **60,00 Euros**, valor que vem já de Janeiro de 2005.
Para os associados que ainda não tiveram oportunidade de o fazer, **solicita-se o pagamento das quotizações**, actual e em falta, utilizando um dos seguintes meios:
- Por débito na conta bancária do sócio, através do preenchimento e remessa à Sede da AACDN (Praça do Príncipe Real, nº 23 R/C Dtº, 1250-184 Lisboa) do impresso de "autorização de débito em conta", enviada com o Boletim 14/2004;
- Por transferência ou depósito na conta bancária da AACDN, na Caixa Geral de Depósitos (NIB: 0035 0667 0000 0479 0307 7), que poderá ser efectuado em qualquer Caixa Multibanco, num balcão da Caixa Geral de Depósitos, ou através do Internet Banking;
- Por transferência directa na CGD para a conta 0667 000479 030;
- Por cheque remetido à Sede.

Em qualquer dos casos, é fundamental **indicar sempre o número de sócio**, de modo a permitir aos Serviços da Associação identificar a proveniência dos valores recebidos.

Novos Associados da AACDN

942/07 - Engº. José Maria Tadeu Henriques

943/07 - Engº. Henrique Manuel de Pina Duarte Gomes

944/07 - Engº. José Manuel Montanha Rodrigues

945/07 - Drª. Maria Helena de Oliveira Santos

946/07 - Drª. Maria Luisa de Andrade Maia Gonçalves

947/07 - Prof. Doutor Luís Manuel Fé de Pinho

948/07 - Mestre Alexandra de São Rafael von Böhm-Amolly

949/07 - Drª. Maria Alexandra Magro e Silva da Costa Artur

950/07 - Dr. José António Vilar de Jesus

951/07 - Drª. Célia Maria Duarte Batalha Fernandes

952/07 - Engº. José Luís Albuquerque Bobela Bastos Carreiras

953/07 - Ten. Cor. Arsénio de Matos Luís

954/07 - Doutor Jorge Eduardo Jordão Cerveira Pinto

955/08 - Drª. Maria Arlete Fernandes Nepomuceno de Gouveia

956/08 - Dr. Afonso de Bragança Mendes

957/08 - Cor. José António dos Reis Mendonça

959/08 - Drª. Isabel Esmeralda Falcato Queiróz

960/08 - Drª. Margarida Auta D. C. R. Alves da Nóbrega Ferreira

961/08 - Engº. António Manuel de Oliveira Pires

962/08 - Cor. José Custódio Madaleno Geraldo

963/08 - Dr. Fernando Jorge do Nascimento Pires Nogueira

964/08 - C.M.G. João Alberto Pires Carmona

Empresas e Instituições amigas da AACDN

Sábados Culturais

1-2-3-4-5-6-7-8-9-10-11-12-13-14-15-16-17-18
19-20-**21**-22-23-24-25-26-27-28-29-30-31

Janeiro-Fevereiro-**Março**-Abril-Maio
Junho-Julho-Agosto-Setembro-Outubro
Novembro-Dezembro **2009**

Visita ao Paço Ducal de Vila Viçosa

Integrada no programa dos designados *Sábados Culturais* que a nossa Associação tem vindo a promover, decorreu no passado 21 de Março a visita ao Palácio Ducal de Vila Viçosa.

Cedo, que a jornada era longa e a visita, certamente, interessante e demorada, fizemo-nos à estrada, ou, se quisermos, porque rumávamos ao Alentejo, "abalámos".

Cerca das dez horas, ali estávamos, no Terreiro do Paço, à porta do palácio, saboreando aquela manhã soalheira de um sol morno e acolhedor, a recordar-nos o início da Primavera.

Às dez e quinze, tal como previsto, iniciámos a visita e logo ali à entrada, em jeito de introdução, o guia fez um breve resumo da história do palácio e, como era inevitável, deixámo-nos envolver pela História de Portugal, que marca também a história do palácio.

E como as origens são sempre um bom começo, é por aí que vamos:

D. Fernando, 2.º duque de Bragança, recebeu de seu avô, D. Nuno Álvares Pereira, Condestável do Reino e desde 26 de Abril último também São Nuno de Santa Maria, o título de Conde de Arraiolos

Posteriormente recebeu o título de duque e decidiu, então, não trocar as planuras alentejanas pelo Paço Ducal de Guimarães.

Assim se estabeleceram os Bragança em Vila Viçosa, no primitivo Paço do Castelo.

Em 1483, D. Fernando, 3.º duque de Bragança, foi acusado de alta traição e, por ordem de D. João II, foi executado e a família exilada para Castela, donde regressa em 1496, após a morte do rei.

Reabilitado o ducado, D. Jaime, 2.º duque de Bragança, considerando que o Paço do Castelo estava ligado à memória de seu pai, não o quis habitar e, num local designado por Horta do Reguengo, já fora dos muros que protegiam o aglomerado populacinal, mandou construir o que é hoje, depois de significativas intervenções, o magnífico Palácio Ducal de Vila Viçosa.

Em 1535 sofreu obras de remodelação mandadas executar pelo duque D. Teodósio e, logo em finais do século XVI, foi sujeito a grandes obras de ampliação por iniciativa do duque D. Teodósio II, para nele habitar com sua esposa, D. Ana Velasco.

Todavia, com a subida ao trono de D. João IV, 8.º duque de Bragança, o palácio deixou de ser residência oficial dos Duques de Bragança.

Já no século XIX, o palácio foi novamente sujeito a obras de conservação, desta vez para passar a ser um dos locais preferidos pela Família Real.

E se é verdade que D. Carlos raramente terá recebido convidados oficiais no Paço Ducal, também não é menos verdade que tanto o monarca como a rainha D. Amélia passavam largas temporadas em Vila Viçosa, onde o rei promovia grandes caçadas na Tapada Ducal.

Aliás, foi no Palácio de Vila Viçosa que o Rei D. Carlos dormiu a sua última noite antes de ser assassinado, em 1 de Fevereiro de 1908.

Em meados do século XX , por disposição testamentária de D. Manuel II, falecido em 1932, foi criada a Fundação da Casa de Bragança, que passou a tutelar o Paço de Vila Viçosa, o qual, tranformado em museu, abriu as suas portas ao público.

O Paço Ducal recebeu ainda grande parte dos bens móveis, obras de arte e a preciosa biblioteca, provenientes da residência do rei exilado em Londres. Aliás, permanecem particularmente vivas no Paço Ducal de Vila Viçosa as memórias dos dois últimos reinados, sendo disso exemplo os aposentos régios e os inúmeros exemplares da pintua do rei D. Carlos, onde predominam aguarelas e pastel.

No interior de salas, também elas de rara beleza, guardam-se também, entre muitas outras, peças das preciosas colecções de arte e as raríssimas espécies bibliográficas que pertenceram a D. Manuel II.

Destacam-se pinturas, ourivesaria, tapeçarias flamengas e francesas, pinturas a fresco em paredes e

tectos, mobiliário de estilo, porcelanas orientais, portuguesas, italianas e tantas outras peças de encantar.
Outro aspecto do palácio que, do meu ponto de vista, merece destaque é a cozinha, a qual apresenta uma das maiores colecções de baterias em cobre.
Visitámos também a Armaria e tenho que confessar, talvez por ter sido a primeira vez que visitava a Armaria, que fiquei deveras surpreendido com a quantidade de exemplares expostos, bem como com a beleza, elegância e complexidade de muitos deles, já que deste acervo fazem parte extraordinários exemplares, peças raríssimas de fabrico português, alemão, francês, oriental e de muitos outros lugares.
Finalmente, pudemos ainda apreciar uma secção do Museu Nacional dos Coches, instalada nas antigas cocheiras.
A visita chegava ao fim. A hora ia adiantada e já não faltava motivação para se cumprir a parte do programa ainda em falta e igualmente importante.
E mais uma vez Vila Viçosa mostrou quanto era ainda capaz de nos surpreender, desta feita com os seus caprichos gastronómicos.
E ao saborear o almoço, dei comigo a pensar que, passando D. Carlos largas temporadas em Vila Viçosa, bem se compreende que razões não lhe faltavam, mais importantes que as de Estado, para ser muito sua aquela barriga régia.
Valeu-nos o passeio pela vila para apascentar o borrego que, em caldeirada, se quedava manso, pesado e dolente nos estômagos.
O programa estava cumprido, era chegado o momento do regresso.
E bem gostaria de terminar por aqui esta descrição da nossa visita ao Paço Ducal de Vila Viçosa.
Mas, como nos ensina a sabedoria popular, não há bela sem senão. E também nesta visita houve um senão.
Não foi agradável ver aqueles enormes montes de entulho retirado das pedreiras, desagradabilíssimo aspecto visual, verdadeira afronta ao ambiente, chaga aberta na belíssima paisagem local.
E como se tudo isto não fosse, já de si, mais que suficiente para justificar um olhar mais atento das entidades responsáveis, acresce o facto de os poços deixados em aberto nas pedreiras inactivas representarem um perigo público.
Bastará recordar que alguns deles, de grande profundidade, se encontram nas próximidades da berma da estrada.
E se é verdade que não pode ser ignorada a importância que a indústria de extracção e transformação do mármore tem para as gentes de Vila Viçosa, quando é certo que ocupa 93% da população activa, também não é menos verdade que essa importância não pode justificar tudo.
Aliás, sendo Vila Viçosa, muito justamente, reconhecida como a capital do mármore, logo haveremos de concluir que, também por esta qualificação, sobre ela impendem responsabilidades acrescidas.
Um dia, estou certo, visitaremos novamente o Palácio de Vila Viçosa e a beleza da planura alentejana que o rodeia e os nossos olhos já não serão violentados com a imagem agreste, agressiva, daqueles montes de entulho.
Entretanto, talvez a AACDN pudesse chamar a si o debate deste tema.

Empresas amigas em 2009

Montepio

REN
Redes Energéticas Nacionais

BPI

Muitos continuam
a ser os Auditores
dos Cursos de Defesa Nacional que,
ao longo de mais de três décadas,
se notabilizaram
nas mais diversas áreas: nas Artes
ou nas Letras,
nas Ciências ou
na Educação, na Política ou na Guerra.
Porque a sua acção
é digna de mérito,
vale a pena ficar
a conhecê-los... indiscriminadamente...

UmDeCadaVez

Eduardo António da Costa Ferrugento Gonçalves nasceu no Monte Estoril, Cascais, em 12 de Agosto de 1928. Fez o curso liceal no Liceu D. João de Castro e ingressou no Instituto Superior Técnico, onde concluiu o Curso de Engenharia Civil, em 1952.

Apurado para todo o serviço militar, frequentou, em 1953, a primeira parte do Curso de Oficiais Milicianos na Escola Prática de Engenharia, em Tancos, e a segunda parte no então Batalhão de Caminhos de Ferro.

Em princípios de 1956, foi convidado a fazer parte do corpo docente do Instituto Superior Técnico, e, paralelamente, a ingressar na Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

Como docente do Instituto Superior Técnico (IST) iniciou uma carreira académica centrada na área dos Transportes e, em particular, na área dos Caminhos de Ferro. Prestou provas de Doutoramento em Engenharia Civil, em 1964, após o que pôde aceder, como efectivo, à categoria de Professor.

Tendo, ainda como aluno do IST, iniciado estudos especiais na área da Tecnologia do Transporte Ferroviário, a carreira docente e a paralela actividade profissional permitiram-lhe prosseguir estudos desenvolvidos de carácter prospectivo nos domínios da Mecânica Geral do Transporte Terrestre e da Circulação e Operação Técnica Ferroviárias.

Em 1981 e 1982 foi eleito Presidente do Conselho Pedagógico do Instituto Superior Técnico.

Em 1966 foi designado representante de Portugal num Grupo de Trabalho da EFTA formado por Portugal, pelo Reino Unido e pela Noruega, e que se ocupou de alguns aspectos técnicos do funcionamento dos portos e das inter-relações destes com o transporte terrestre.

A partir dos meados dos anos 60 passou, no âmbito da chefia do Plano Director da Rede Ferroviária, a desenvolver análises e estudos relacionados com os Planos de modernização das linhas existentes e com as ligações internacionais. Tais estudos levaram-no a colaborar na Comissão "Recherche Prospective" da Comunidade dos Caminhos de Ferro Europeus (CCFE).

Como Director do "Movimento" da CP passou a participar directamente nas actividades da correspondente Comissão da União Internacional dos Caminhos de Ferro (UIC). Formou, com um engenheiro da Renfe, o primeiro Grupo de Trabalho que se ocupou do Plano de modernização do "Eixo Ferroviário Lisboa-Madrid" e que definiu os elementos servindo de base aos estudos ulteriores que conduziram à inclusão desse "Eixo" na Rede de Alta Velocidade criada pela União Europeia.

Em meados dos anos 80 desempenhou, por eleição nacional, as funções de coordenador da então Comissão de Engenharia Civil da OE.

Frequentou, em 1990, o Curso de Auditores da Defesa Nacional. A dissertação final de Curso que apresentou sobre "As nossas vias de Comunicação Terrestre, a integração Europeia e o Potencial Estratégico Nacional" foi seguidamente publicada pelo IDN na sua revista *Nação e Defesa*. É o Sócio nº 302/90 da AACDN.

Após a sua aposentação, foi convidado, em 1993, para desempenhar as funções de Professor e Director dos Programas de Graduação Universitária do Instituto Superior de Transportes (ISTP). Neste Instituto estruturou e coordenou o funcionamento de um Curso de Licenciatura em Transportes, onde continuou a leccionação universitária na área da Tecnologia do Transporte Ferroviário. Foi eleito Presidente do Conselho Científico e, a partir de 1999, assumiu igualmente as funções de Director do ISTP. Desempenhou estas funções até ao início de 2005.

Participou em conferências, seminários e colóquios da sua especialidade e, para além das edições dos cursos leccionados no IST e no ISTP, publicou diversos artigos de opinião, sobre o Transporte Ferroviário, em revistas e em alguns periódicos.

In Memoriam

É muito grande a perda sofrida pela Associação dos Auditores dos Cursos de Defesa Nacional com o falecimento do seu sócio e ex-dirigente, Major-General Mário Lemos Pires.

Militar ilustre, figura relevante da vida nacional e personalidade querida de quantos o conheceram, o General Lemos Pires dedicou a sua vida a servir o seu País, a amar a sua Família e a manifestar em permanência a sua solidariedade aos seus Amigos.

O General Lemos Pires revelou ao longo da sua vida uma permanente disponibilidade e declarada vocação para a inovação, tendo participado activamente na criação e desenvolvimento de organismos novos, tais como o Centro Militar de Educação Física e Desportos Equestres, em Mafra, o Centro de Instrução de Operações Especiais, de Lamego, os Comandos e o Instituto da Defesa Nacional.

Foi observador na guerra da Argélia, em 1959, desempenhou comissões de serviço em Angola e na Guiné, tendo tido nesta última acção particularmente importante como responsável pelo Plano de Acção Psicológica desenvolvido durante o comando do General Spínola.

Dedicou vários anos da sua carreira ao ensino, como Professor no Instituto de Altos Estudos Militares e Assessor no Instituto da Defesa Nacional.

Em 1974 foi nomeado Governador de Timor, em altura particularmente difícil. Sem apoio por parte do Governo central e devido à imaturidade e falta de realismo das elites que dirigiam ao tempo os partidos políticos timorenses e que fomentaram uma guerra civil naquele território, o General Lemos Pires revelou o seu grande carácter e as suas qualidades de moderação e bom senso, conseguindo evitar que Portugal interviesse em força contra os timorenses. Da sua actuação resultaram consequências nas relações que hoje Portugal mantém com Timor e no respeito que os timorenses têm pelo último Governador português. Posteriormente, enfrentou, com a maior dignidade, as acusações difamatórias que puseram em causa a sua acção em Timor, assumindo frontal e corajosamente as suas decisões e as suas responsabilidades.

Profundamente empenhado em contribuir com o seu esforço para aprofundar a reflexão sobre Segurança e Defesa, foi, durante largos anos, Secretário-Geral e Vice-Presidente do Eurodefense-Portugal.

Fez parte integrante do Centro de Estudos Estratégicos do Instituto de Altos Estudos Militares, onde a sua vasta cultura e a palavra sempre sensata e ponderada constituíram uma preciosa contribuição para aquele órgão.

O General Lemos Pires foi um exemplo de espírito de colaboração no seio da Associação dos Auditores dos Cursos de Defesa Nacional, na qual desempenhou por várias vezes funções de Vice-Presidente da Direcção, Presidente da Assembleia Geral e Presidente do Conselho Fiscal. Sempre que solicitado, nunca negou o seu esforço em prol da Associação.

Muito recentemente, tomou parte numa reunião de antigos dirigentes, convocada pelo Presidente da Direcção para se pronunciarem sobre as medidas a tomar para dinamizar a actividade da Associação. Apesar de já então se encontrar doente, manifestou uma vez mais a sua opinião com o maior entusiasmo. Infelizmente, no dia seguinte baixava ao Hospital Militar, após ter cumprido a sua última tarefa ao serviço da AACDN.

Todos quantos tiveram o privilégio de privar com o General Lemos Pires puderam admirar o seu trato afável, a sua amizade, a rectidão do seu carácter, a sua vasta cultura e aquele jeito que lhe era peculiar de motivar os outros com um sorriso desarmante e contagioso.

Pelo seu contributo para o nosso enriquecimento, um MUITO OBRIGADO!

PAZ À SUA ALMA.

Mariz Fernandes
Major-General